

Opção Liberal ou Opção Fundamentalista? O Criacionismo na Controvérsia Modernista-Fundamentalista nos Estados Unidos Liberal Option or Fundamentalist Option? The Creationism in the Modernist-Fundamentalist Controversy in the United States

Roney de Seixas Andrade¹
roneyseixas@yahoo.com.br
Ivan Dias da Silva²
privandias@hotmail.com

Resumo

Este artigo se propõe ao estudo da controvérsia criacionismo-evolucionismo no âmbito dos debates públicos entre as correntes teológicas fundamentalista e liberal no seio das igrejas protestantes dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX. Entendemos, assim, que tal controvérsia se deu entre uma concepção literalista da Bíblia que defendia o criacionismo conforme literalmente apresentado nos textos bíblicos e outra concepção chamada de “liberal” ou “modernista” que assumiu os critérios da Alta Crítica e buscava ajustar a interpretação da Bíblia às teses propostas pela ciência moderna, inclusive pelo modelo evolucionista darwinista.

Palavras-chave: criacionismo, evolucionismo, fundamentalismo, liberalismo teológico.

Abstract

This article's general goal is to study the creationism-evolutionism's controversy within the public debates between the fundamentalist and liberal currents in the protestant churches of the United States, in the first decades of the 20th century. We understand that this controversy occurred between a literalist interpretation of the Bible, that defended the creationism as literally presented in the Bible texts, and another conception called “liberal” or “modernist”, that accepted the principles of the Higher Criticism, and sought to adjust the interpretation of the Scriptures to the thesis proposed by the modern science, including the Darwinist evolutionism.

Key words: creationism; evolutionism; fundamentalist; theological liberalism.

PARTE I

A Controvérsia Criacionista-Evolucionista na Southern Baptist Convention

Introdução

A *Southern Baptist Convention* (SBC – Convenção Batista do Sul), organizada em 1845 com base em uma perspectiva teológica protestante e conservadora, natural para o contexto histórico de sua fundação, vivenciou ao longo de sua história

¹ Doutorando e mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Bolsista CAPES.

² Doutorando e mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Bolsista CAPES.

modificações sócio-culturais e religiosas que inevitavelmente investiram sobre seu modo de ser e de se organizar, afetando-o, modificando-o e moldando-o. A teologia normativa da SBC, originalmente ortodoxa e conservadora, viu-se obrigada a dividir espaços e a conviver com uma nova teologia, de matriz modernista, que se apresentava e expandia em seu âmbito já no final do século XIX.

A paulatina adesão às concepções do método histórico-crítico à filosofia existencialista, à teoria evolucionista e ao estudo das religiões comparadas abriu profundos questionamentos à interpretação batista ortodoxa do texto bíblico e implicou até mesmo em uma rejeição do sentido de parte ou de todo de seu conteúdo, uma vez que tal adesão investe sobre a base sustentadora mesma da visão fundamentalista (e da conservadora também): a inerrância, o literalismo e a inquestionabilidade da Bíblia.

Os simpatizantes e defensores do modernismo teológico, após estudarem nos principais centros de difusão do pensamento liberal (principalmente a Alemanha), retornaram aos EUA, e passaram a ensinar nos seminários teológicos financiados pela SBC a nova perspectiva teológica. Não é demais lembrar que esses professores eram remunerados pelos batistas do Sul através do Plano Cooperativo da SBC e escreviam textos publicados pela editora desta denominação. O suporte para esta atividade docente e literária foi dado pela burocracia institucional da referida denominação, adepta da nova teologia liberal, mas que através da estratégia de manter a “unidade em meio à diversidade”, abriu-se à uma variedade maior de opções teológicas visando assim manter o *status quo* denominacional.

Os fundamentalistas mostraram-se anteriormente insatisfeitos com tais atitudes e posturas no contexto da SBC e encontraram dificuldade para solucionar o que entendiam ser um problema teológico e religioso, pois a máquina denominacional estava rigidamente administrada e hermeticamente fechada a mudanças em sua ideologia. Aparentemente a situação era imutável. No entanto, surpreendentemente, a ala fundamentalista da SBC conseguiu mobilizar-se no sentido de reverter o quadro reinante e tomar o poder da Convenção. A situação aparentemente irreversível seria revertida por meio da execução de um rigoroso planejamento estratégico levado a cabo em um período de 20 anos que recebeu de seus idealizadores o nome de ressurgimento conservador, mas que, foi efetivamente uma verdadeira emergência fundamentalista.

1. Contexto e Expansão da Perspectiva Teológica Liberal na SBC

O final do século XIX trouxe para os Protestantes tanto da Grã Bretanha como da América do Norte, incluídos os Batistas, mudanças intelectuais e socioculturais sem precedentes que iriam afetar sua teologia, inclusive a teologia que resistiu a estas mudanças ou as rejeitou (Garrett, 2010, pp. 278-279).

O desenvolvimento e expansão da perspectiva teológica liberal entre os batistas do Sul dos EUA não ocorreu de forma repentina, mas através de um processo sutil que se deu ao longo de vários anos. Quando da organização da SBC, em 1845, as diversas interpretações a respeito da natureza da Bíblia que temos hoje quase não existiam entre os batistas, se é que haviam. A inerrância do texto bíblico nunca foi questionada pelos fundadores da SBC, como podemos depreender da descrição de Hefley, ao afirmar que

Jeremiah B. Jeter, primeiro presidente da *Foreign Mission Board* [afirmava]: ‘a maneira da inspiração ... é como um prelúdio à possibilidade de erro nas Escrituras.’ J. M. Foster, fundador e primeiro executivo da *Sunday School Board* [disse que] ‘inspiração é ... a obra especial de Deus no escritor [bíblico] para garantir o registro do texto que o próprio Deus teria escrito.’ B. H. Carroll, fundador do *Southwestern Seminary* [declarou que] ‘a inspiração da Bíblia não significa que Deus disse e fez tudo o que está dito e apresentado na Bíblia’ mas ‘que o registro das palavras e eventos está correto.’ Fundadores de outras instituições e professores de seminários [da convenção] na maior parte do primeiro século da *Southern Baptist Convention* acreditavam da mesma forma (Hefley, 1991, p. 13).

Considerada pelos conservadores e fundamentalistas como uma “tendência aterrorizante”, “diluição de convicções”, “passo trágico”, dentre outras definições de caráter pejorativo, a jornada rumo à nova posição que franqueia uma abordagem histórico-crítica da religião dentro da SBC, seguiu quatro passos básicos e identificáveis que convergiram para esta nova tendência, os quais são: (1) acatamento da abordagem histórico-crítica à Bíblia; (2) absorção da filosofia existencialista; (3) implementação dos estudos das religiões comparadas, e (4) aceitação da plausibilidade do darwinismo (Draper & Keathley, 2001, p. 11). No que nos interessa no presente artigo, destacamos o quarto passo, ou seja ...

2. A Plausibilidade Do Darwinismo e seu Impacto no Edifício Teológico Cristão

Segundo Numbers e Stenhouse,

Desde a publicação de ‘A Origem das Espécies’, de Charles Darwin, em 1859, uma tempestade de controvérsias tem grassado entre teólogos e cientistas. Alguns proponentes da teoria de Darwin elevaram-na à posição de um paradigma a ser usado para reinterpretar a experiência humana. Outras pessoas têm identificado a teoria da evolução como obra do diabo, sem qualquer mérito científico. A maioria das pessoas se posiciona em algum lugar entre estas duas opiniões (Numbers & Stenhouse, 2001, p. 176).

O final do século XIX trouxe diversos desafios de ordem intelectual e sociocultural para os batistas e demais protestantes na Grã-Bretanha e América do Norte. Tais desafios representaram um forte impacto que abalou todo o edifício de sua teologia. Segundo Garrett, Charles Darwin “introduziu um conceito de evolução biológica que impactou não apenas as doutrinas cristãs da criação e do homem, mas também as disciplinas a elas relacionadas” (Garrett, 2010, p. 218). Talvez a aceitação da plausibilidade da teoria evolucionista nos EUA possa ser considerada a mais importante mudança ocorrida no âmbito da teologia cristã naquele país. O darwinismo causou um impacto direto no teísmo, na concepção apresentada pela Bíblia a respeito da origem do homem e do mundo, bem como no próprio modo cristão de compreender a natureza e o destino humano. O forte impacto do darwinismo nos EUA pode ser constatado nas palavras de Charles Eliot, reitor da Universidade de Harvard, que em 1909 concluiu que a partir do darwinismo “os cristãos não teriam mais o monopólio da verdade, pois as idéias dos cientistas, dos secularistas ou dos que professavam outra fé seriam igualmente válidas” (Eliot, 2005, p. 20).

Como sabemos, a teoria da evolução tal como concebida por Darwin pautou-se por tentar explicar a mudança e o surgimento das diferentes espécies vivas. Em sua obra *A Origem das Espécies*, que popularizou esta teoria, Darwin afirma que os seres humanos bem como o todo da vida animal, evoluíram através de um longo período de tempo como resultado de um processo gradual de seleção natural. Como podemos perceber, a idéia da seleção natural darwiniana investia diretamente contra a concepção segundo a qual haveria uma inteligência projetando e regulando o mundo, a vida e as suas variações. A concepção de Darwin era de que a natureza não possuía nenhum propósito pré-estabelecido, o que evidentemente contradiz de modo frontal a compreensão tradicional baseada nos registros do livro de Gênesis, de acordo com o qual a humanidade e o mundo tiveram sua origem num ato voluntário e consciente de Deus. (Numbers & Stenhouse, 2001, p. 176).

Desde a publicação desta obra de Darwin houve uma mudança na relação entre ciência e religião nos EUA. De acordo com Queen, Prothero e Shattuck, “Apesar dos Protestantes desde o século XVII terem suposto que fé, razão e ciência eram compatíveis, a disseminação das teorias de Darwin sobre evolução orgânica nas décadas da Guerra Civil desafiou a síntese anterior” (Queen II, 2009, p. 388).

Devido à nova visão teológica e acadêmica potencializada pelo recente estudo das religiões comparadas e pelas novas concepções da teologia proporcionadas pelo contexto modernista de interpretação da Bíblia, a SBC viu-se particularmente questionada pela sua corrente liberal, sobretudo no que se refere à ortodoxia teológica e à própria administração institucional. As relações dos atores tradicionais da SBC com os novos seguidores do liberalismo teológico podem ser percebidas através de dois dos momentos significativos que passamos a indicar, do confronto entre eles no âmbito desta Convenção, que exemplificam a inadequação teológica do pensamento liberal no contexto conservador.

3. Ensino da Teoria da Evolução na Baylor University

O primeiro grande protesto conservador explodiu na Universidade Baylor, no Texas, fundada em 1845 (ano da organização da SBC), pelo juiz Robert Baylor e por dois missionários, James Huckins e William Tyron, que haviam sido enviados para o oeste dos EUA para apaziguar queixas de que negligência da parte dos batistas do Sul com aquela região. Hefley descreve que

Por volta de 1920 começaram a surgir denúncias de que Grove S. Dow, um professor de sociologia, estava usando um livro-texto em sua aula que sugeriam que o homem evoluiu dos macacos. Tomou a frente John Franklin Norris, sendo ele mesmo um graduado pela Baylor [University], um ex-editor do Texas Baptist Standard e então pastor da Primeira Igreja Batista de Fort Worth, onde ele uma vez, em um sermão contra a evolução, usou um macaco no púlpito. Norris relatou no *The Searchlight*, um periódico de sua igreja, que Samuel Palmer Brooks, Reitor da Baylor, tinha conhecimento a respeito do livro-texto sobre evolução utilizado por [Grove S.] Dow, mas ainda assim permitiu-o que o utilizasse na sala de aula. Norris acusou tanto Brooks quanto os líderes da Convenção [Batista] estadual de se recusarem a reconhecer a ‘duradoura infidelidade’ na Baylor (Hefley, 1991, p. 15).

Como conseqüência desses fatos, o professor Dow renunciou à cadeira na universidade e o ruidoso pastor Norris e sua igreja foram desligados da convenção batista estadual. A relação entre a Baylor University e os fundamentalistas permaneceu

tensa, até que, em 1990, a maior universidade batista dos EUA, então sob a reitoria de Herbert H. Reynolds, mudou sua forma de administração, permitindo que a Convenção Batista Geral do Texas passasse a eleger apenas ¼ de sua junta de conselheiros (enquanto antes, a referida Convenção elegia todos os membros do Conselho). O objetivo era ter uma maior independência acadêmica em relação aos fundamentalistas que teriam controlado a denominação a partir de 1979. Em fevereiro de 2011, a Junta Administrativa da Universidade votou permitir a possibilidade de que até 25% de seu conselho fosse formado por cristãos não-batistas, dando fim à tradição de que apenas membros dessa denominação pudessem compor seu corpo administrativo.³ Desde então, tem prosseguido e se acirrado o conflito entre liberdade acadêmica e religiosa na instituição.⁴

4. A “controvérsia Elliot” – *The Message of Genesis*

Os primeiros tremores do terremoto religioso que viria a ser qualificado como “ressurgimento conservador” datam do início da década de 1960, quando ocorre a denominada “Controvérsia Elliot” (Jonas, 2006, p. 63). Esta, que ficou conhecida como a primeira crise em relação à concepção e interpretação tradicional da Bíblia entre os batistas do Sul dos EUA, veio à tona através da publicação, em 1961, pela *Broadman Press* (editora oficial da SBC), da obra de Ralph H. Elliott, *The Message of Genesis*. No prefácio, Elliot afirma que o seu livro “é um esforço para combinar mente e coração usando os destacados conhecimentos da erudição moderna para desvendar e ressaltar os princípios teológicos e religiosos constituintes das histórias do livro de Gênesis” (Elliott, 1961, p. vii).

Elliott, então professor do *Midwestern Baptist Theological Seminary*, foi imediatamente criticado por defender as novas idéias apresentadas oito anos antes por C. H. Toy a respeito da natureza da Bíblia.⁵ Segundo Sutton

³IDENTITY crisis. Disponível em: <<http://www.baylor.edu/alumni/magazine/0304/news.php?action=story&story=22168>>. Acesso em: 11.09.2013; BAYLOR will allow non-baptists on its board. Disponível em: <http://www.insidehighered.com/news/2011/02/14/baylor_will_allow_non_baptists_on_its_board> Acesso em: 11.09.2013>

⁴ Cf. James C. HEFLEY. *The conservative resurgence in the Southern Baptist Convention*, p. 15; Susan Ray. *The Baptist Way*, p. 53.

⁵ Crawford Howell Toy foi o primeiro professor batista do Sul a perder sua posição como docente em uma instituição de ensino teológico da SBC em virtude de apoiar e difundir o método histórico-crítico no estudo da Bíblia. Ver C. Douglas Weaver. *In search of the New Testament Church*, p. 172.

Elliott trabalhou com um método histórico-crítico de interpretação no qual, em essência, divorciava a mensagem da Bíblia da história literal. (...) Citando Alan Richardson, ele concluiu que ‘as histórias simbólicas ... não são para serem tomadas como verdade literal.’ Na conclusão de seu modelo hermenêutico, Elliott argumentou que os primeiros onze capítulos de Gênesis eram ‘um prefácio teológico para o restante do livro.’ Ele pressupôs que os escritores bíblicos tomaram emprestado e adaptaram mitos e lendas anteriores, que Adão e Eva não foram personagens históricos, que o dilúvio foi meramente local, que a destruição de Sodoma e Gomorra ocorreu como um fenômeno natural e que Abraão, de fato, não ouviu a voz de Deus instruindo-o a matar Isaque (...) A conclusão a que muitos chegaram durante este tempo foi de que o liberalismo tinha começado a se infiltrar na academia batista do Sul e algo precisava desesperadamente ser feito a respeito disso antes das coisas se tornarem piores (Sutton, 2000, pp. 7, 9).

Elliott afirmou que muitas das estórias do Gênesis eram parabólicas e tinham como objetivo “expressar *insight* histórico profundo” (Fransley II, 1994, p. 19). Dentro desta perspectiva, elas não narravam eventos verdadeiros, históricos (Elliot, 1961, p. 15). Portanto, enquanto veículo literário, a Bíblia continha erros, mas isto “não necessariamente significa que a mensagem de fé ou o propósito de Deus na mensagem estava errado” (Hefley, 1991, pp. 29-30).

Muito embora esta concepção fosse predominante entre os estudiosos da Bíblia que ensinavam em seminários e faculdades, essa não era a assumida pela maioria dos batistas do Sul. Conseqüentemente, Elliott ficou reconhecido como liberal para uns e neo-ortodoxo para outros (Fransley II, 1994, p. 19).

5. A Reação: A Emergência Fundamentalista e as “As Batalhas Batistas”

Temos um câncer em nossa denominação. Este câncer é que um pequeno grupo [de professores, escritores e líderes] acredita que a Bíblia contém sérios erros. Este câncer destruirá a nossa grande denominação, a não ser que seja removido (...) E certamente haverá um número suficiente de Batistas para se levantar e ajudar a remover estes liberais de nossas folhas de pagamento e posições de liderança [na SBC] (Hefley, 1991, p. 59).

Na década de 1980, levando-se em consideração os eventos mencionados, os batistas do Sul constituíam uma denominação dividida. Originalmente havia uma forte tradição conservadora na maioria da denominação. No âmbito da SBC, todavia, haviam alas mais fundamentalistas, por um lado, e mais modernistas, por outro, com ampla diferença de concepções de interpretação bíblica e de prática da vida cristã, que encontraram espaço para crescer. Estas duas correntes diferiam dos batistas do sul que

adotavam um ponto de vista mais equilibrado, embora conservador. Enquanto estes conservadores equilibrados regozijavam-se com o desenvolvimento ininterrupto dos programas denominacionais, com o número crescente de membros e com a expansão do trabalho missionário, os batistas da ala liberal ansiavam por transformações rápidas que inserissem a denominação na vanguarda da religiosidade norte-americana, escapando, assim, dos “enclaves provinciais sulistas”. No entanto, justamente esta orientação vanguardista era fortemente temida pela ala fundamentalista da SBC, que a considerava uma patente ameaça à ortodoxia batista do Sul.

Estava, portanto, instalado o conflito: as metas que os progressistas da ala liberal desejavam eram justamente o alvo da resistência dos fundamentalistas. Esta tensão foi o epicentro da “batalha dos batistas”, ou seja, da disputa acirrada “pelos corações e mentes dos batistas do Sul comuns. O prêmio era a impressionante infraestrutura organizacional da denominação – e toda a influência que essas organizações poderiam exercer dentro e fora do maior grupo protestante da nação.” (Ammerman, 1995, p. 72). Os batistas, cismáticos desde sua origem, encontravam assim mais uma ocasião para o exercício desta característica que lhes é historicamente peculiar.

Faz-se necessária uma compreensão da diversidade das fontes de conflito dos batistas do Sul – cultural, teológica e ideológica – que, na realidade, afetava, de modo diferenciado, todas as denominações cristãs na década de 1960. Farnsley afirma que, neste contexto,

A tensão não resolvida da década de 1920 voltou à tona. Os batistas tinham que tolerar pontos de vista diferentes e reconhecer a autoridade de cada congregação local, mas eram comprometidos tanto formal quanto informalmente, com a autoridade total das Escrituras. A dificuldade de manter estas duas posições aumentou outra tensão existente, aquela da representação. Pontos de vista diferentes sobre as Escrituras haviam ameaçado minar o modelo anterior de ‘consenso dos mensageiros designados’ [pelas igrejas às assembleias anuais da SBC]. Não era fácil para os fundamentalistas rígidos e aqueles que se opunham a qualquer aplicação de ‘ortodoxia doutrinária’ chegarem a um ‘consenso.’ A estas duas tensões foi adicionada uma terceira, produto da organização crescente: os batistas tinham a tendência de amar a cooperação mas temer a centralização. Organizações para-eclésiásticas, independência sectária e biblicismo que promovia tanto interpretação individual quanto correção doutrinária eram forçados a viver lado a lado. À medida em que as três tensões se encontraram, era óbvio que algo tinha que acontecer (Farnsley II, 1994, p. 19).

6. Os temas essenciais da controvérsia

Dentre as diversas fontes de conflito entre a ala fundamentalista e a ala liberal dentro da SBC, podemos destacar quatro, as quais entendemos fazer parte ativa do núcleo das tensões que envolveram a batalha dos batistas, e que representam bem as divergências de pensamento entre as duas alas. São elas a autoridade da Bíblia, a autoridade pastoral, a agenda política e a vida cristã. No que se refere ao assunto central deste artigo, nos detemos na primeira das fontes mencionada, a autoridade das Escrituras.

A maneira como popularmente os batistas compreendem a função da Bíblia na vida cristã pode ser resumida pela seguinte frase: “Deus disse, nós acreditamos e está decidido”. De fato, Brackney afirma que

Reagindo contra credos e pronunciamentos episcopais e conciliares, os primeiros Batistas asseveraram somente as Escrituras como autoridade em assuntos de fé e prática. Em um sentido duplo, os Batistas ‘crêem na Bíblia e acreditam a Bíblia’ quer dizer, a posição Batista sobre as Escrituras é tanto ontológica como ética (Brackney, 1994, p. 23).

Para os fundamentalistas desta denominação, o que se encontrava em questão no conflito com os ditos liberais estava muito bem definido: a verdade intangível da Bíblia. Aqueles que não acreditassem na Bíblia como sendo as verdadeiras e inquestionáveis mensagens de Deus não poderiam estar lecionando nas escolas da denominação, elaborando textos direcionados aos batistas do Sul ou exercendo qualquer outra posição de liderança na SBC.

A maioria esmagadora dos batistas do Sul que se auto-denominam como fundamentalistas ou consevadores (noventa e cinco por cento) concorda que o critério “sonoridade doutrinária” deveria ser o mais importante na escolha de liderança para a denominação.⁶ Para a ala fundamentalista da SBC ser doutrinariamente correto significa “acreditar na Bíblia” como inerrante (Ammerman, 1995, p. 80).

Em reação à controvérsia sobre o texto de Elliott, a SBC votou no encontro anual de 1962 uma resolução que confirmava a fé na Bíblia como detentora de autoridade e inerrância, e opondo-se institucionalmente aos pontos-de-vista que poderiam supostamente minar a confiança em sua alegada exatidão histórica ou

⁶ A expressão “sonoridade doutrinária” é utilizada pelos batistas do Sul como sinônima de correção doutrinária, ou ortodoxia. Na perspectiva fundamentalistas tal expressão se aplica aos que defendem a inerrância da Bíblia. F.Leroy FORLINES. *The quest for truth*, p. 167.

integridade doutrinária enquanto palavra de Deus (Fransley II, 1994, p. 19). Essa postura foi efetivada através de uma reforma na declaração doutrinária da SBC, cujo resultado foi a *Baptist Faith and Message*, de 1962. Essa nova declaração doutrinária configurou-se como o esforço da SBC para apresentar uma resposta às diversas tradições batistas.

Os conflitos entre as perspectivas teológicas liberal e fundamentalista ocorridas no âmbito da *Southern Baptist Convention*, iniciadas na década de 60, teve seu ápice na década de 80, com desdobramentos que resultaram na cisão da referida Convenção no final do século XX. A diferença entre estas perspectivas teológicas divergentes tornou a convivência no mesmo ambiente denominacional inviável, gerando um conflito que veio a culminar com a emergência fundamentalista ao poder na SBC, destituindo os outrora solidamente estabelecidos liberais de suas funções de comando na Convenção.

Este movimento que produziu a mais séria controvérsia ocorrida na SBC desde seu estabelecimento foi chamado por seus arquitetos de “ressurgimento conservador”, os seus opositores o denominaram de “tomada de poder fundamentalista”.

PARTE II

A Teoria da Criação Especial

Introdução

A Teoria da Criação Especial (TCE) está diretamente relacionada as posições adotadas pelo movimento do fundamentalismo protestante dos EUA. Assim como este, os proponentes da TCE adotam uma perspectiva inerrantista e literalista das Escrituras, reafirmando a doutrina da criação conforme as linhas gerais encontrada no livro da Gênesis, colocando-se em oposição aos princípios da teologia liberal e da teoria darwinista.⁷

A TCE pode ser classificada em duas fases, mais ou menos coincidentes com as fases do fundamentalismo protestante dos EUA.⁸ A primeira fase da TCE,

⁷ Para Steven Engler, o criacionismo é um fenômeno fundamentalista porque não somente sinaliza uma afirmação positiva, isto é, que certa doutrina da criação é a única verdadeira, mas também que outras crenças são falsas e perigosas. Ver: Steven ENGLER. *O Criacionismo*, p. 233.

⁸ George Marsden indica o período entre 1870 e 1930 como o período que marca a primeira fase, ou o surgimento do fundamentalismo protestante norte-americano. Ver: George MARSDEN. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*. pp. 9-61. Já R. Scott Appleby sugere o período entre 1875 e 1925 como o período da primeira fase do fundamentalismo. O período de 1925 a 1975, como o período correspondente a segunda fase do fundamentalismo, considerada também como a fase do “desenvolvimento” fundamentalista. E o último período, de 1975 até o presente, correspondendo à

coincidindo como a primeira fase do fundamentalismo, ocorre entre os anos de 1870 a 1930. Já a sua segunda fase, que coincide aproximadamente com a terceira fase do fundamentalismo, ocorre desde o início da década de 1960 até o presente momento.⁹

A primeira fase da TCE é marcada pela luta declarada contra a teologia liberal e sua perspectiva crítica de interpretação da Bíblia. É marcada também pelos primeiros conflitos contra os desenvolvimentos então recentes da ideia da evolução propostos por Charles Darwin na sua teoria da seleção natural.

1. A origem do conflito

O criacionismo, enquanto uma concepção sobre as origens do universo e da vida como resultados de um ato criador intencional, é notoriamente encontrado na extensa literatura bíblica do Antigo e do Novo Testamento. Através dos séculos, a tradição hebraica, judaica e cristã tem sustentado esta concepção que se solidificou como um parâmetro geral na cosmovisão elaborada no âmbito da cultura ocidental. Como afirma Jerry Bergman, “até meados do século XIX, praticamente todas as pessoas comuns e pessoas mais educadas do mundo ocidental acreditavam que todos os seres vivos foram deliberadamente criados de acordo com as linhas gerais encontradas em Gênesis” (Bergman, 1993, p. 2).

Entretanto, desde o advento da revolução científica iniciada no século XVI observa-se uma gradual perda da auto-evidência da concepção criacionista, conforme estritamente delineada nos textos bíblicos, e o surgimento de outras concepções sobre a origem e o funcionamento do universo e da própria vida. De fato, já desde a teoria copernicana relacionada diretamente ao conflito entre a visão geocêntrica e heliocêntrica no século XVI até a elaboração das teses darwinistas na segunda metade do século XIX, observa-se que a concepção criacionista perde no final deste último século o seu caráter de explicação auto-evidente central acerca da origem da vida e do universo. Com isto tal concepção passa simplesmente a ser, dentre outras coisas, de modo paulatino, apenas uma das possibilidades de explicação sobre a origem da vida.

terceira fase ou a também denominada “segunda emergência pública” do fundamentalismo. Ver: Gabriel A. ALMOD, Emmanuel SIVAN, R. Scott APPLEBY. *Examining the Cases*, pp. 451 e 461.

⁹ Neste artigo nos propomos a analisar apenas a primeira fase da TCE, ou seja, o conflito teológico entre a perspectiva fundamentalista e liberal.

Além do impacto das teses darwinistas acerca da seleção natural, deve-se considerar outro fator igualmente importante que contribuiu para este descentramento da concepção criacionista das origens. As transformações ocorridas desde o século XVI, no campo da ciência, da filosofia e da política incidiram não apenas sobre a concepção acerca da origem do universo e dos seres vivos, elas também incidiram sobre o *significado* da Bíblia e, conseqüentemente, sobre a forma de interpretá-la.

Nos séculos XVIII e XIX a crítica moderna questionou a concepção que compreendia a Bíblia como um livro divinamente inspirado. No texto que compôs o capítulo 4 da edição original, de 1907, dos *Fundamentals*, escrito por F. Bettex, em refutação à postura adotada pela crítica moderna, fica evidente a mudança radical na compreensão da natureza e significado da Bíblia, proposta pela referida crítica. Segundo Bettex,

Nesses tempos apareceu uma crítica que, tem se tornado cada vez mais ousada em seu ataque ao livro sagrado, que agora decreta, com toda auto-segurança e confiança, que esse livro é simplesmente uma produção humana. Além de outras falhas encontradas nele, essa crítica declarou que este livro sagrado está cheio de erros, sendo muitos de seus livros espúrios, pois foram escritos por homens desconhecidos em datas posteriores àquelas que lhes são atribuídas (Bettex, 1907).¹⁰

É justamente devido a esta mudança em relação à compreensão da natureza da Bíblia trazida pela crítica moderna, somada à nova concepção sobre as origens da vida e do universo promovida pelas teses darwinistas, que o final do século XIX e o início do século XX tornaram-se palco dessa marcante e decisiva controvérsia entre o criacionismo e o evolucionismo.

Neste primeiro momento da controvérsia entre estas duas perspectivas (1870-1930), nota-se que o debate foi de caráter eminentemente *teológico* e não científico.¹¹ Como lembra Jerry Bergman, “os ministros e pastores do século XIX, muitas vezes criticaram a evolução a partir do púlpito, mas poucos foram os cientistas que se tornaram ativamente envolvidos no movimento anti-Darwin até o início da década de 1920” (Bergman, 1993, p. 3). A controvérsia, de fato, foi entre uma concepção literalista da bíblia que defendia o criacionismo conforme literalmente apresentado nos textos bíblicos e outra concepção chamada de “liberal” ou “modernista” que assumiu os

¹⁰ F. BETTEX. *The bible and modern criticism*. Disponível em:

<<http://fundamentalists.whybaptist.com/chapterfour.aspx>> . Acesso em 05 mai. 2011.

¹¹ Cf. Barry HANKINS. *Evangelicalism and Fundamentalism: A documentary reader*, p. 71

critérios da Alta Crítica e buscava ajustar a interpretação da Bíblia às descobertas e teses propostas pela ciência moderna, inclusive pelo modelo evolucionista darwinista. Conforme indica Barry Hankins,

Enquanto os pensadores evangélicos não foram uniformemente antievolucionistas logo após o aparecimento da *Origem das Espécies* de Charles Darwin, em 1859, os modernistas entusiasticamente abraçaram o modelo evolucionista não apenas no que se refere à biologia, mas também praticamente a todas as outras áreas do conhecimento humano. Aplicada ao cristianismo, a posição modernista significou, sobremaneira, que a Bíblia não era, necessariamente, a autoridade para os cristãos modernos (Hankins, 2008, p. 3).

Na década de 1910, os fundamentalistas assumiram uma postura em defesa da inspiração verbal e literal das Escrituras em oposição aos teólogos liberais. A controvérsia acerca da evolução foi o ponto central e público do debate entre estas duas correntes teológicas no seio das igrejas protestantes dos Estados Unidos naquele período. De um lado, o esforço em reconciliar a teologia evangélica com o evolucionismo – a perspectiva liberal; do outro, o esforço em refutar *teologicamente* o evolucionismo – a perspectiva fundamentalista originária. Assim sendo, neste primeiro momento, a controvérsia criacionismo-evolucionismo assume a forma “fundamentalismo *versus* liberalismo”.¹²

2. A controvérsia sobre o criacionismo: um debate teológico

Como afirma George Marsden, os protestantes que viveram entre 1865 e 1917 foram confrontados com os mais profundos desafios à sua fé. O secularismo produziu rápidas e imensas mudanças sociais. O darwinismo e a alta crítica modificaram significativamente a percepção da Bíblia enquanto texto de caráter imperativo.

Com o objetivo de recuperar a relevância social e mesmo cultural do protestantismo diante destas transformações pelas quais o mundo estava passando, surge, então, o movimento do liberalismo teológico que pode ser visto como uma das respostas a este cenário de rápidas mudanças societárias. Como bem indica Barry Hankins, a hegemonia do protestantismo evangélico nos Estados Unidos começou a

¹² Conforme indicam Gabriel A. Almond, Emmanuel Sivan e R. Scott Appleby “o fundamentalismo protestante nos Estados Unidos teve sua primeira emergência entre os anos de 1875 e 1925, período marcado pela invasão do secularismo, especialmente na forma do liberalismo religioso que abraçou o Darwinismo e a Alta Crítica das Escrituras” Ver: *Fundamentalism: Genus and Species*. In: Martin E. MARTY and R. Scott APPLEBY. *Fundamentalisms Comprehended*, p. 462.

modificar-se no final do século XIX devido justamente ao acolhimento da teologia liberal dentro das principais denominações protestantes do norte deste país. Os adeptos da teologia liberal estavam envolvidos na tentativa de ajustar a teologia cristã ao pensamento moderno, de modo até mesmo a abraçar, de fato, como aconteceu, o modelo evolucionista darwinista e assumir, paralelamente, que a Bíblia não era efetivamente a autoridade *final* para os cristãos modernos. E não apenas isso. Na realidade, para esses atores, a Bíblia representava a forma mais antiga e mais rudimentar de cristianismo (Hankins, 2008, p. 3).

Uma breve análise de dois livros, um do final do século XIX e o outro do início do século XX, permite-nos verificar como se deram as interpretações do livro de Gênesis, especialmente no que se refere ao relato acerca da criação, no âmbito da perspectiva da teologia liberal e, ao mesmo tempo, verificar o cuidado com que esses autores tiveram em ajustar as narrativas bíblicas às demandas da modernidade.

O primeiro destes livros é *The Expositor's Bible: The book of Genesis*, do teólogo escocês e ministro da Igreja Livre da Escócia, Marcus Dods, publicado em 1891. Nele, Dods indica claramente a utilização dos pressupostos básicos da alta crítica em sua análise do livro de Gênesis, como se pode perceber no trecho abaixo:

Está claro que o compilador desse livro de Gênesis não visava um rigor científico ao falar de detalhes físicos. Em geral esse não é o propósito dos escritores bíblicos, sobretudo desse que nesses primeiros dois capítulos de seu livro estabelece, lado a lado, dois relatos da criação do homem. Esses dois relatos, incompatíveis em detalhes, mas absolutamente harmoniosos em suas ideias principais, indicam para o leitor que o objetivo do escritor é o de transmitir certas ideias sobre a história espiritual do homem e sua conexão com Deus através da descrição do processo de criação. A intenção do escritor não é descrever como se deu o *processo* da Criação, mas descrever as ideias a respeito da relação do homem com Deus e a relação de Deus com o mundo que ele pôde assim transmitir. Na verdade aquilo que entendemos por conhecimento científico não estava no pensamento das pessoas para quem este livro foi escrito. O tema da criação, do início do homem sobre a terra, não foi abordado a partir desse tipo de conhecimento científico; e se quisermos entender o que está escrito aqui é preciso romper as amarras dos nossos próprios modos de pensar e ler esses capítulos não como declarações cronológicas, astronômicas, geológicas, biológicas, mas como uma declaração moral ou espiritual (Dods, 1891).

Em primeiro lugar chama a atenção o uso da palavra “compilador” (“*compiler*”, no original inglês). Na perspectiva da alta crítica, a autoria do livro de Gênesis, atribuída tradicionalmente a Moisés, é questionada. E não apenas isso.

Entende-se aqui que o livro de Gênesis, assim como todo o Pentateuco, é o resultado de um processo de compilação de vários textos de diferentes tradições.¹³ Dods, ao utilizar a expressão “o *compilador* deste livro de Gênesis” onde poderia se esperar a expressão “o *autor* deste livro de Gênesis”, revela claramente suas afinidades eletivas com os pressupostos da crítica moderna.

Outro ponto importante a ser destacado é o fato de este teólogo escocês indicar que o livro de Gênesis, principalmente no que se refere a seus dois primeiros capítulos, não é um “livro de ciências”, ou seja, não é um livro que tenha sido redigido com rigor e exatidão científica. Para Dods o livro de Gênesis é um livro que apresenta uma *concepção moral e espiritual* do relacionamento do homem com Deus e com o mundo. Esta afirmação indica que o relato da criação não deve ser literalmente e/ou “cientificamente” interpretado, pois este não teria sido sequer o objetivo dos escritores do livro de Gênesis.

O segundo livro que merece destaque nesta nossa breve análise é o livro *The book of Genesis*, do professor especialista no Antigo Testamento, o inglês Samuel Rolles Driver, publicado em 1911. Nele encontram-se expostos dois pontos essenciais na controvérsia fundamentalismo-liberalismo. O primeiro é o questionamento feito por Driver em relação à *teoria da inspiração*, também chamada de *doutrina da inspiração*. No seu entendimento,

A concepção de que o livro de Gênesis pode conter declarações historicamente não verdadeiras pode parecer, para alguns leitores, surpreendente e questionável. Contudo devemos lembrar que a doutrina que afirma que a Bíblia não contém nada além do que é historicamente verdadeiro, não encontra fundamento nem na própria Bíblia, nem em documentos de nossa igreja. Essa doutrina está intimamente ligada, se não diretamente dependente, de uma teoria particular de inspiração. [...] A doutrina da inspiração verbal e exatidão verbal da Escritura é de fato uma teoria, *a priori*, emoldurada não sobre a base de qualquer orientação contida na própria Escritura, mas sobre uma antecedente concepção de que o livro deve ser necessariamente inspirado. [...] Mas onde é que está dito na Bíblia que as declarações históricas nela encontradas foram “ditadas” por Deus? Toda a concepção de inspiração implícita nas palavras citadas é invenção – uma invenção, sem dúvida, concebida em primeira instância, com a finalidade de apoiar e fortalecer uma boa causa, mas não menos, com o

¹³ A discussão sobre a perspectiva da alta crítica acerca do processo de compilação dos textos que resultaram no livro de Gênesis, bem como de todo o Pentateuco pode ser vista nas obras dos teólogos protestantes alemães Johann Gottfried Eichhorn, Karl David Ilgen e Wilhelm Martin Leberecht de Wette. Ver: Ralph H. ELLIOTT. *The Message of Genesis*, p. 3-7.

resultado do avanço do conhecimento, acaba por ser empregada com efeitos desastrosos para sua ruína e destruição (Driver, 1903).

De fato, como pode ser observado, o autor inglês é contundente em negar a tese, até então tida como indiscutível, de que o conteúdo da Bíblia contenha apenas narrativas históricas, confiáveis e empíricas, porque verdadeiras e ditadas por Deus. No seu entendimento, afirmar essa tese significa ir não só contra o conhecimento moderno e o científico, significa inclusive ir contra o exposto na própria Bíblia e, assim, culminar por comprometer a relevância e continuidade mesmas da fé cristã no mundo.

Em outro trecho, ao tratar da cosmogonia do livro de Gênesis, Driver expõe a mesma tendência em ajustar a teologia da criação às novas descobertas científicas da época e aos pressupostos da teoria evolucionista darwinista. No seu entendimento,

A Terra, como sabemos agora, atingiu o seu estado atual e adquiriu sua ornamentação rica e maravilhosa de vida vegetal e animal por um processo gradual que se estende ao longo de incontáveis séculos, e abarcando incontáveis gerações de formas de vida. [...] E isso não é tudo. Astrônomos, pelo estudo e comparação dos corpos celestes, chegaram à concepção de uma teoria que explica, pelo auxílio de princípios mecânicos e físicos, a formação da própria Terra. [...] A Terra, no decorrer do tempo, pela redução da temperatura e por outras alterações, desenvolveu as condições adequadas para que ela suporte a vida. O tempo que durou todos esses processos não pode naturalmente ser estimado com precisão, mas ele vai, em qualquer caso, ter abraçado milhões de anos (Driver, 1903, p. 19).

Nessa breve análise dos dois livros em pauta pode-se verificar os principais desafios propostos pela teologia liberal à fé protestante nos Estados Unidos, que enfrentava grandes desafios devido as significativas mudanças sociais ocorridas naquele período, sobretudo diante do desafio da teoria darwinista que além de assistir mudanças na sua hegemonia social, política e cultural, via-se profundamente interpolada pela teoria darwinista e suas emulações. Sem dúvida, no que diz respeito à controvérsia criacionismo-evolucionismo, a tentativa da vertente liberal do protestantismo norte-americano, tal como se deu na Europa, foi a de tentar uma aproximação entre a fé protestante e a ciência moderna.

Entretanto, o liberalismo teológico não foi a única resposta dada pelo protestantismo às transformações advindas com o processo de secularização. Outra resposta diante da perda da hegemonia sociocultural que o protestantismo enfrentava naquele momento e em reação as concepções de matriz liberal que então surgiram, foi

justamente aquela dada pelo movimento fundamentalista. Muitos foram os textos redigidos e/ou publicados nos Estados Unidos com o objetivo de combater as teses do evolucionismo darwinista, de reafirmar a centralidade e a autoridade das Escrituras e ao mesmo tempo de refutar os argumentos impostos pela crítica moderna em relação à natureza e a composição dos textos bíblicos. Alguns desses textos podem ser encontrados nos *The Fundamentals*.

Um deles é o texto intitulado *History of the higher criticism*, escrito por Canon Dayson Hague, em 1897, quando era professor de liturgia e eclesiologia no *Wycliffe College*, em Toronto, Canadá. Nesse texto o autor critica aqueles a quem chama de “líderes do movimento liberal” por negarem a validade dos milagres nas narrativas bíblicas e a realidade da revelação, bem como por desacreditarem no sobrenatural e por considerarem a religião do Antigo Testamento apenas como uma religião humana. Além disso, em franco embate com a posição da alta crítica, Hague reafirma a autoria mosaica do Pentateuco, além de indicar sua natureza divina. Segundo esse autor, “o Pentateuco é uma composição consistente, coerente, autêntica e genuína, inspirada por Deus, e escrita por Moisés uns quatorze séculos antes de Cristo” (Hague, 1897).¹⁴

Outro texto encontrado na coletânea *The Fundamentals* que retrata bem a recepção fundamentalista às então novas teses darwinistas é o texto escrito por George F. Wright, *The passing of evolution*. Em sintonia com o entendimento quase geral da vertente fundamentalista, Wright também acreditava que a teoria evolucionista eliminava Deus de todo o processo de origem e desenvolvimento da vida, sendo que na teoria darwinista em particular, a seleção natural substituía Deus nesse processo. Nas palavras do próprio Wright,

A doutrina extensamente atual da evolução, que somos agora compelidos a combater, é uma doutrina que praticamente elimina Deus de todo o processo criativo e relega a humanidade à terna misericórdia de um universo mecânico, as rodas de cuja maquinaria são levadas a se mover sem qualquer imediata direção divina. [...] No darwinismo, as condições variáveis de vida, às quais todo indivíduo está sujeito, são feitas para tomar o lugar do Criador e assegurar o que é chamado de seleção natural (Wright, 1909).¹⁵

¹⁴ Canon Dyson HAGUE. *History of the higher criticism*. Disponível em: <<http://fundamentalists.whybaptist.com/chapterone.aspx>>. Acesso em: 05 mai. 2011.

¹⁵ George F. WRIGHT. *The passing of evolution*. Disponível em: <<http://fundamentalists.whybaptist.com/chaptersixty-nine.aspx>>. Acesso em: 05 mai. 2011.

Continuando o seu combate contra a teoria darwiniana, Wright não se esquece do surgimento de novas vertentes evolucionistas, chamadas já naquela época de “neodarwinistas”, pois que criticavam a própria teoria darwinista. No seu entendimento, a própria crítica interna a essa teoria deslegitimou a sua pretensão e sua presunção de ser uma teoria universal para a explicação das origens da vida e do universo. Segundo Wright,

Novas escolas de evolucionistas surgem tão rapidamente, assim como as novas escolas de crítica bíblica. Por incrível que pareça, os “neodarwinianos” voltam para a teoria de Lamarck, ou seja, a ideia de que as variações são o resultado do esforço e do uso feito pelo animal, ao passo que Darwin negava a herança de características adquiridas; Weissmann vai ao extremo de sustentar que a seleção natural deve ser levada de volta aos últimos átomos da matéria primordial, onde eles devem ter começado sua luta competitiva pela existência. Romanes e Gulick, no entanto, insistem que variações específicas ocorrem frequentemente da “segregação”, um processo inteiramente independente da seleção natural (Wright, 1909).¹⁶

Além das discordâncias entre os neodarwinistas, que em sua opinião já seriam suficientes para desacreditar a proposta evolucionista mesma, Wright também chama a atenção para dois supostos erros da teoria darwinista que, segundo sua interpretação, também comprometeriam sua validade. O primeiro erro refere-se à idade da terra (ou tempo geológico) e o segundo, à ‘exatidão das variações benéficas’.

O fracasso da teoria da evolução para explicar o aparecimento do homem, escreve Wright, “é conspícuo”. Isto porque já no início dos debates sobre a teoria da evolução pela seleção natural, “Alfred Russel Wallace, o mais destacado cooperador de Darwin, exemplificou várias peculiaridades no homem que não teriam se originado apenas por intermédio da seleção natural, mas que necessitariam de interferência de um poder superior” (Wright, 1909).

Diante de tudo isto, Wright chegou à conclusão que as propostas evolucionistas, incluindo a darwinista, não eram suficientemente sólidas para se consolidarem como uma explicação segura e de validade universal, ao ponto de substituir a proposta da criação especial conforme delineada nos textos bíblicos. Na sua avaliação,

¹⁶ George F. WRIGHT. *The passing of evolution*. Disponível em: <<http://fundamentalists.whybaptist.com/chaptersixty-nine.aspx>>. Acesso em: 05 mai. 2011.

É impossível obter qualquer prova da evolução de modo a modificar seriamente nossa concepção do cristianismo. O mecanismo do universo é tão complicado que nenhum homem pode dizer que o universo está imune à interferência divina. [...] Não podemos banir Deus do universo sem primeiro nos estultificar a nós mesmos e reduzir a livre vontade do homem a uma mera força mecânica. [...] A evidência para a evolução, mesmo em sua forma mais modesta, nunca será tão forte quanto a revelação de Deus nas Escrituras (Wright, 1909).

Bibliografia

AMMERMAN, Nancy Tatom. *Baptist battles: social change and religious conflict in the Southern Baptist Convention*. 2nd ed. New Jersey: Rutgers University Press, 1995.

BAYLOR will allow non-baptists on its board. Disponível em: <http://www.insidehighered.com/news/2011/02/14/baylor_will_allow_non_baptists_on_its_board>. Acesso em: 11.09.2013

BERGMAN, Jerry. *A Brief History of the Modern American Creation Movement. Contra Mundum*, N° 7 Spring 1993. Disponível em: <<http://www.asa3.org/ASA/resources/CMBergman.html#Research>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

BETTEX, F. *The Bible and modern criticism*. Disponível em: <<http://fundamentalists.whybaptist.com/chapterfour.aspx>> . Acesso em 05 mai. 2011.

BILL for establishing religious freedom in Virginia. Disponível em <www.religioustolerance.org/virg_bil.htm>. Acesso em: 15 set. 2010.

BRACKNEEY, William H. *The Baptists*. Westport: Greenwood Press, 1994.

DRAPER, J. T. & KEATHLEY, K. *Biblical authority: the critical issues for the body of Christ*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001

DODS, Marcus. *The Expositor's Bible: The book of Genesis*. London: Hodder & Stoughton, 1891.

DRIVER, S. R. *The book of Genesis*. London: Methuen & Co., 1903.

ELIOT, Charles O. *The future of religion*. Harvard Theological Review, 1909.

ELIOT, Charles W. *The religion of the future*. Whitefish: Kessinger Publishing 2005

ELLIOTT, Ralph H. *Genesis controversy and continuity in Southern Baptist chaos*. Georgia: Mercer University Press, 2005.

_____. *The message of genesis*. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1961.

ENGLER, Steven. *O Criacionismo*. In: Eduardo CRUZ. *Teologia e ciências naturais*:

teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2011.

FARNSLEY II, Arthur Emery. *Southern Baptist politics: Authority and Power in the restructuring of an american denomination*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1994.

FORLINES, F. Leroy. *The quest for truth: answering life's inescapable questions*. Nashville: Randall House Publications, 2001

FRAZER, James George. *Folk-Lore in the Old Testament*. London: Macmillan and Co., 1918.

GARRET, James Leo. *Baptist Theology: a four-century study*. 1st ed. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2010.

GUNKEL, Hermann. *The Legends of Genesis*. Chicago: The Open Court Publishing Co., 1901.

HAGUE, Canon Dyson. *A história da alta crítica*. In: TORREY, R. A. *Os Fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005

HANKINS, Barry. *Evangelicalism and fundamentalism: a documentary reader*. New York University, 2008.

_____. *American evangelicals. A contemporary history of a mainstream religious movement*. New York: Ed. Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

HEFFLEY, James C. *The conservative resurgence in the Southern Baptist Convention*. Hannibal, Missouri: Hannibal Books, 1991

_____. *The truth in crisis: the controversy in the Southern Baptist Convention*. 3rd ed. Hannibal, Missouri: Hannibal Books, 1988

IDENTITY in crisis. Disponível em: <http://www.baylor.edu/alumni/magazine/0304/news.php?action=story&story=2168>. Acesso em: 11.09.2013

JONAS, Jr., W. Glenn (ed.) *The Baptist river: essays on many tributaries of a diverse tradition*. 1st ed. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006

LEONARD, Bill J. *Baptists in America*. New York: Columbia University Press, 2005

_____. *The challenge of being Baptist: owing a scandalous past and an uncertain future*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2010

LINDSEY, Hal. *The 1980s: Countdown to Armageddon*. Grand Rapids, Mich, 1980.

MARSDEN, George M. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*. Michigan:

William B. Eerdmans Publishing Company, 1991.

MARTY, Martin E. and APPLEBY, R. Scott. *Fundamentalisms Comprehended*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2004.

NUMBERS, Ronald L. & STENHOUSE, John. *Disseminating darwinism: the role of place, race, religion, and gender*. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 2001.

ORR, James. *As sagradas escrituras e as negações modernas*. In: TORREY, R. A. *Os Fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005

QUEEN II, E. L. et al. *Encyclopedia of American religious history*, vol.1, 3rd ed. New York: Infobase Publishing, 2009.

RAY, Susan. *The Baptist way*. Dallas: Baptist General Convention of Texas, 1975

RILEY, William B. *The menace of Modernism*. New York: Alliance Publishing, 1917.

_____ *The World's Christian Fundamentals Association and the Scopes Trial*. *Christian Fundamentals in School and Church* 7, 1925.

RYRIE, Charles C. *What you should know about inerrancy*. Chicago: Moody Press, 1981.

SUTTON, Jerry. *The Baptist reformation*. Nashville: Broadman & Holman Publishing, 2000.

WEAVER, C. Douglas. *In search of the New Testament church: the Baptist history*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2008;